

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DO PASSADO AO PRESENTE: TÓPICOS DE INVESTIGAÇÃO

PORTUGUESE TEACHING: FROM THE PAST TO THE PRESENT DAYS: TOPICS OF INVESTIGATION

David Christian de Oliveira Pereira

Fábio José dos Santos

RESUMO

Este texto objetiva discutir, brevemente, sobre a trajetória do ensino da língua portuguesa no Brasil, das abordagens mais antigas até os dias atuais (século XXI). Veremos que, historicamente, erigiu-se a ideia de que o ensino-aprendizagem da língua materna equivale a estudar a sua gramática, com ênfase nas regras e exceções, classificações e análises meramente formais das estruturas da língua. A análise aqui apresentada surgiu a partir de diversas discussões que foram realizadas enquanto bolsista do PIBID-Letras, do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, *Campus* Maceió, tomando como base, teóricos como: Antunes (2003), Marcuschi (2008), Silveira (2005), Guedes (2006), Bakhtin (1997). Com base na proposta dos PCN, discute-se, ainda, a importância do entendimento de que os textos se materializam em gêneros textuais, razão pela qual cabe à escola fornecer aos estudantes o conhecimento sobre diferentes formatos de textos que circulam socialmente, a fim de garantir-lhes as competências necessárias para usá-los com proficiência tanto na fala/escuta quanto na escrita/leitura. Foi percebido que diferentemente da perspectiva tradicional de estudo da língua portuguesa, o trabalho com os gêneros textuais constitui uma alternativa de abordagem da língua que contempla a necessidade de se considerá-la na sua dimensão discursiva, social e interacional.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; gêneros textuais; evolução.

ABSTRACT

This article aims to make a brief historical resume of the teaching of Portuguese language in Brazil, from the oldest approaches to the works that are being developed in nowadays. One can see that, historically, it has been diffused the idea that teaching and learning language is the same as studying grammar, with emphasis on rules and exceptions, classifications and purely formal analysis of the structures in the language. This article has resulted from various discussions that were held in the PIBID-Letters field, developed at

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

the Federal Institute of Alagoas–IFAL, *Campus Maceió*, based in some reflections by Antunes (2003), Marcuschi (2008), Silveira (2005), Guedes (2006), Bakhtin (1997). Based on the proposal of the PCN, this work still is discuss the importance of the thought that texts are materialized in textual genres, which supposes that school provides students with knowledge about different text's formats to guarantee the necessary skills in order to their proficient use both in speech/listening and reading/writing.

KEYWORDS: teaching; textual genres; evolution.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é confrontar o ensino de língua materna¹ centrado na gramática, bem como observar como o que esse mesmo ensino implica, pedagogicamente, quando centrado nos textos, tomando como base algumas reflexões de alguns estudiosos da linguagem acerca do assunto posto em observação. Para tanto, se faz necessário fazermos um breve levantamento histórico acerca do ensino de língua portuguesa no Brasil, com o intuito de constatar como o ensino desta língua vem sendo concebido desde o período colonial à contemporaneidade.

Até o meio do século XVIII, a língua portuguesa não passava de um dialeto falado e escrito pelos colonos, comerciantes e membros do clero, que viviam em nossa nação. A população, com destaque nos índios, falava várias línguas semelhantes umas às outras e que, mais tarde, foram chamadas de *Tupi* ou *Língua Geral* (pelos jesuítas). O ensino dessa língua era feito como forma de garantir a catequese.

Sobre esta última afirmação, Guedes (2006, p.15), discorre sobre o processo de ensino jesuítico, reafirmando que

O Brasil [...] - monopólio dos jesuítas por, pelo menos, os primeiros duzentos anos de colonização – fez de mestres e alunos, por causa da rigidez de seu manual de estudos, a *Ratio Studiorum*, repetidores da lição,

¹Utilizaremos Língua Materna e Língua Portuguesa para se referir à mesma coisa: a língua brasileira.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

impossibilitando a produção de conhecimento e, conseqüentemente, qualquer exercício de discipulação.

A partir do processo de catequização realizado pelos jesuítas da Companhia de Jesus, essa *Língua Geral* passou a possuir sua própria gramática, com lista de vocábulos, seguindo o modelo de ensino das línguas latinas.

A partir da segunda metade do séc. XIX, com a inserção do ensino do português no currículo das escolas, persistiu-se o foco na gramática, privilegiando a variedade padrão da língua, modelo a ser seguido na escrita e na fala pública e manifestação da língua das elites.

Até a década de 50 do séc. XX, o público que frequentava a escola falava o português tido como “padrão” e mantinha práticas de leitura e escrita em casa; era essa a língua ensinada nas escolas, por meio do estudo concentrado na gramática.

Na segunda metade do século XX, começa a haver uma expansão do ensino por pressão das camadas populares, que chegam à escola com formas precárias de letramento. No entanto, mantém-se o mesmo modelo de ensino, pautado na aprendizagem da gramática padrão.

Se os professores mudaram e não responderam às exigências dessa prática de ensino gramatical, surgem os livros didáticos (com textos, lições de gramática e exercícios) para suprirem as lacunas de conhecimento desses professores. Agora, sobretudo a partir da década de 1970, não é mais dada a eles a responsabilidade de prepararem suas aulas e exercícios, como antigamente. Isso compete ao autor do livro didático (BEZERRA, 2012, p. 45).

A partir da chegada, na escola, das reflexões realizadas no âmbito da linguística sobre a língua para além do sistema, em que se ultrapassou o nível da gramática para se estudar a *língua em uso*, a primazia do ensino da gramática em si mesma foi posto em observação.

Após o reconhecimento do caráter social do discurso, reforçado pela concepção dialógica da linguagem defendida na obra de Bakhtin, as

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

preocupações sobre o ato de escrever se deslocaram da ênfase no produto ou artefato para os aspectos retóricos (ou pragmáticos) da escrita priorizando não apenas os aspectos formais e regras prescritivas (sintaxe, pontuação, ortografia) dessa habilidade, mas, principalmente, considerando-a como um processo interacional e discursivo, em que o escrevente leva em conta fatores como o contexto, a audiência, o propósito comunicativo e o gênero adequado à situação (SILVEIRA, 2005, p. 71-72).

A partir de então, o objeto de ensino de Língua Portuguesa (LP) passa a ser o texto, como unidade em que se materializam as atividades languageiras nas mais variadas situações de comunicação. Essa proposta será ratificada pelos PCN, tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio.

Nas aulas de LP e nos livros didáticos, as reflexões sobre a língua aparecem agora com uma nova roupagem, batizada de “gramática aplicada”, expressão que tem como princípio básico a abordagem da gramática a partir dos textos.

A despeito desses avanços no plano teórico e no âmbito legal, ainda tem predominado um ensino focado no ensino da gramática do português, que subjugava a produção e a leitura de textos à apreensão de regras e exceções e à classificação de categorias gramaticais, como afirma Antunes (2009, p.13):

Essa limitação do ensino às categorias gramaticais e suas funções sintáticas se evidencia ainda no discurso da escola, pois, referindo-se às aulas de português, é comum, por exemplo, falar-se em aulas de gramática, como se uma coisa equivalesse à outra.

2. DE UM ENSINO CENTRADO NA GRAMÁTICA

Para se iniciar o trabalho com a língua materna, temos de levar em consideração os eixos de ensino que ela dispõe: leitura e produção de textos (orais e escritos) e os conhecimentos linguísticos.

A tendência observada no ensino de língua materna é que as metodologias são focadas numa abordagem simplesmente metalinguística, ou seja, somos acostumados

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

desde cedo a ver nas salas de aulas, questões do tipo: o que é um substantivo? E a turma em coro responde: “é a palavra que dá nome aos seres, flexiona-se em gênero, número e grau”. Observamos a partir daí que o ensino com enfoque gramatical terá um fim em si mesmo, com ênfase na aprendizagem de nomenclaturas, treinos e avaliações por meio de exercícios estruturais com frases descontextualizadas etc.

Temos percebido há bastante tempo a existência de pouco “encontro e interação”² em nossas aulas de português. A abordagem feita por alguns profissionais da linguagem em sala de aula é meramente gramatical, e utiliza o texto como pretexto.

[...] se o professor pretende ensinar sobre “pronome”, por exemplo, começa por selecionar as definições e classificações desta classe de palavras e, depois, escolhe um texto em que apareçam pronomes, *para nele* identificar suas várias ocorrências e classificá-las conforme a nomenclatura gramatical. O texto serve, portanto, apenas para ilustrar uma noção gramatical e não chega assim a *ser o objeto de estudo* (ANTUNES, 2003, p. 109).

A partir da observação feita pela autora, podemos considerar que o texto, nesse caso, entra como guia, mas de forma torta, numa abordagem falseada, já que ele é pretexto para o enfoque na gramática. Percebemos que quando há a “tentativa” de trabalho com o gênero textual, assim como afirma Sadoyama (2009, p.13): “não há o ensino do gênero em si, mas o formato engessado restrito a uma estrutura fixa de como é o gênero”. Tomando como base ainda esta afirmação, Waal (2009, p.984) sustenta a ideia de que

[...] há uma fragmentação no ensino onde as aulas de gramática não se relacionam com as aulas de leitura e produção textual. [...] a linguagem é considerada objeto de estudo, porém não enquanto prática social o que proporcionará a análise e compreensão. [...] Os gêneros discursivos são ignorados, trabalhando-se apenas com a norma culta, desconsiderando o funcionamento e a interação verbal de tais discursos construídos pelos sujeitos.

²Expressão retirada do título da obra “Aula de Português: encontro e interação”, de Antunes.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Cabe salientarmos que ao invés da aula meramente focada nas regras e classificações gramaticais, o professor deveria proporcionar aos seus alunos, o uso da fala, leitura, escuta e escrita de textos em língua portuguesa nos mais variados gêneros, direcionando-os para a produção de textos e incentivando a releitura e reescrita, a fim de propor ao leitor uma boa compreensão daquilo que foi exposto.

Uma fala muito corrente por parte dos professores ditos “tradicionalistas” é que os seus pares, que optam pelo ensino da língua através dos textos/gêneros, fazem isso porque não dominam a gramática da língua. Em outras palavras: não sabem gramática.

Diante de tudo o que até então expusemos aqui, é extremamente necessário que aprendamos a repensar continuamente os encaminhamentos metodológicos utilizados no ensino de língua portuguesa na escola, pondo em foco as três variáveis postas pelos PCN para o ensino de língua portuguesa: o aluno, a língua e o ensino. A reflexão acerca da gramática só terá sentido se esta estiver associada à aprendizagem da leitura e da produção de textos, caso contrário o aprendizado da língua portuguesa não será efetivo.

3. GÊNEROS TEXTUAIS E FUNCIONALIDADE

O conceito de gênero³ vem sendo discutido desde a Antiguidade greco-latina, a partir do aparecimento da retórica clássica, nas modalidades jurídica e literária, iniciado pelos povos gregos; o conceito tem sido bastante discutido em teoria da literatura, sociolinguística e linguística textual, com Mikhail Bakhtin⁴. “Hoje, gênero é facilmente

³Marcuschi afirma ainda que o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades sociais e culturais.

⁴Foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia, pesquisador da linguagem humana. Seus escritos, em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, estruturalismo, a crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (SWALES, 1990, p.33).

Há muito tempo convivemos rodeados de gêneros, uns com uso mais frequente, outros menos; ao ligarmos a televisão, por exemplo, é comum escutarmos e assistirmos *notícias* e *reportagens* sobre um dado acontecimento. O que grande parte da população não sabe é que esses textos são exemplos de gêneros textuais, assim como a famosa carta pessoal - que quase não se utiliza mais, devido ao avanço da tecnologia – direcionadas a nossos amigos e familiares, entre tantos outros.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Como podemos observar, gêneros textuais são textos de qualquer natureza, literários ou não, e que não precisam necessariamente ser escritos para ser “textuais”. Os gêneros discursivos também têm sua função social, podendo ser por meio da narração, discussão ou argumentação, organizando assim, a linguagem, circulando no mundo em que vivemos com funções específicas, público específico e características próprias (como são organizados).

Do ponto de vista cognitivo-social, uma das características mais marcantes do gênero textual é a sua pronta identificação e reconhecimento por parte da maioria das pessoas que vivem nas culturas em que determinados gêneros textuais são de uso corrente. [...] o reconhecimento e a produção de gêneros textuais fazem parte da competência comunicativa do indivíduo. (INÊZ MATOSO, 2005, p. 35)

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

Complementando a definição dos gêneros textuais, Marcuschi (2008, p. 20-21) acrescenta que

[...] os gêneros são históricos e culturais, mas não é comum fazer disso uma fonte de investigação. Quanto a isso, pode-se dizer que os gêneros não preexistem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva.

Nesse sentido, podemos considerar que os gêneros não possuem formas estanques, únicas. Vivemos construindo gêneros todos os dias; deixamos de utilizar uns e inovamos com outros. O gênero carta, existente ainda hoje - século XXI -, pode simplesmente não existir mais no século XXII, ou quem sabe antes disto, o que é mais plausível, pois cada vez mais nos deparamos com as inovações tecnológicas. Como sabemos, nossa língua é social, sendo então heterogênea - e por isso não limitada - e baseada no processo histórico-cultural.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997, p.23):

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

Tal abordagem vem sendo ultimamente muito discutida dentro do campo da linguística por vários estudiosos, conforme defendido aqui.

Diante dessa proposta, os PCN sinalizam algumas diretrizes, tais como: Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, que cria significados e integra a organização do mundo e a identidade nacional; considerar a língua portuguesa como o caminho para os acordos e ações sociais, com representação simbólica de

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

experiências humanas, através do “pensar, agir e sentir” na vida social; analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com contextos, a partir da função, organização e natureza das condições e produzir nos mais variados gêneros, dentre outros.

Há quem confunda *gênero textual* com *tipologia textual*, como se um conceito equivalesse a outro. Dentro dos infinitos gêneros textuais, utilizamo-nos de diferentes tipologias textuais (descritiva, narrativa, argumentativa ou injuntiva). Por exemplo, se pegarmos o gênero romance, vamos perceber que este, assim como tantos outros, possui características próprias na sua formação estrutural e uma função específica; para este tipo de gênero, cabem as tipologias narrativa e descritiva, diferentemente do gênero “receita de bolo”, que é injuntivo, ou seja, dá instruções. Para além do gênero e sua tipologia, ainda dispomos das dimensões dos gêneros, formadas pelo conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

Para este tipo de trabalho – com os gêneros –, o professor poderia muito bem iniciar repensando o seu fazer docente, refletindo sobre o seu ensino, prática e método, pensando e criando formas que estimulem seus alunos a terem um melhor desempenho na produção de vários textos, sejam eles orais ou escritos, como: notícias, entrevistas, seminários, carta comercial e/ou pessoal etc.

Em “O modelo didático do gênero comunicado de empresa nos jornais e suas aplicações em sala de aula”, Mendes e Bueno (2008, p.05) afirmam que

[...] o professor pode elaborar uma sequência didática, isto, é, um conjunto de atividades para levar o aluno a dominar um gênero, selecionado, dentre as características levantadas, aquelas que seriam relevantes para serem trabalhadas em uma série. Afinal, um mesmo gênero pode ser trabalhado em diferentes anos, mas o nível de complexidade da abordagem deverá ser alterado conforme o nível de desenvolvimento dos alunos.

Com base nesta afirmação, defendemos aqui a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, que propõe o ensino de língua materna a partir do uso de gêneros textuais, fazendo com que surjam interações sociais.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

4. CONCLUSÃO

Tomando como base a trajetória sobre o ensino da língua portuguesa no Brasil e as informações aqui disponibilizadas, vale salientar que, conforme observamos, a discussão sobre o trabalho com os gêneros textuais não é tão nova. Vários estudiosos vêm, desde muito tempo, nos alertando sobre o material que devemos utilizar para o ensino de língua materna.

A percepção de que não há atenção aos documentos que regulamentam o ensino de língua portuguesa por parte dos profissionais da língua é muito esclarecedora e justifica por que tem havido uma fragmentação no tocante ao trabalho com a leitura, a produção de textos e a reflexão gramatical.

Alia-se a isso o fato de que boa parte dos alunos não gosta da disciplina Língua Portuguesa porque ela, na maioria das vezes, se restringe ao ensino engessado da gramática “tradicional”. Sabemos que toda língua possui a sua gramática e sem ela não sobreviverá; contudo, indicamos aqui o texto como objeto central para o trabalho na sala de aula, em vista do qual tudo o mais está ligado. A gramática deve ser estudada, sim, mas como apoio dos textos, ajudando a desempenhar a construção de sentidos. Assim o trabalho com os gêneros textuais constitui uma alternativa de abordagem da língua que contempla a necessidade de se considerá-la na sua dimensão discursiva, social e interacional.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aulas de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BEZERRA. Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva [et all]. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K. S. (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

MENDES, Helena Peçanha Mendes; BUENO, Luzia. *O Modelo Didático do Gênero Comunicado de Empresa nos Jornais e Suas Aplicações em Sala de Aula*. Disponível em:

<
http://alb.com.br/arquivomorto/porta1/5seminario/PDFs_titulos/O_MODELO_DIDATICO_D_O_GENERO_COMUNICADO_DE_EMPRESA.pdf>. Acesso em: 15 set. 2013.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Análise de Gênero Textual: Concepção Sócio-Retórica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SODOYAMA, Adriana dos Santos Prado. *Gêneros Textuais e Ensino de Língua Portuguesa*. Disponível em:
<http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2013.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

WALL, Daiane Van Der. *Gramática e o Ensino de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere2009/anais/pdf/2003_1006.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2013.